

O LIVRO QUE “ABRE CAMINHOS”: ENTRE EXPERIÊNCIAS DE LEITURA, REPRESENTAÇÕES E AFETIVIDADE¹

Ilsa do Carmo Vieira Goulart²

RESUMO: Diante da constatação de que uma senhora conservava durante décadas seu material de leitura, o artigo propõe-se a compreender a relação e o vínculo que se estabelece entre o leitor e a leitura tendo por intermédio o livro. O texto constitui-se parte da pesquisa de Mestrado, realizada na FEUnicamp, vinculada ao grupo de pesquisa ALLE, intitulada *O livro: objeto de estudo e de memória de leitura*. O trabalho utiliza-se do relato da experiência de leitura e do material usado na escolarização como objeto de análise, na pretensão de apreender os sentidos atribuídos à leitura e ao objeto-livro no decorrer do tempo. Assim, utilizando excertos da entrevista e imagens da ação leitora sobre e com os livros de leitura, o trabalho destacará os movimentos de interação e afetividade que circundam o leitor e um material de leitura usado em sua escolarização. Para tanto, tem-se como aporte teórico os estudos de Chartier (1994, 1996, 1999) entre outros autores que trazem a materialidade do livro como desencadeadora de ações leitoras.

PALAVRAS-CHAVE: livro; leitor; experiências de leitura.

ABSTRACT: Before the finding of a lady who kept her reading material over decades, this article aims to comprehend the relationship and the link that are established between the reader and the reading through the book. The text is part of a Master's degree research, carried out at FE-Unicamp, bound to ALLE research group. The research was named *The Book: object of study and memories of reading*. It uses reports of reading experiences and the used material on schooling as objects of analysis, in order to learn the meanings attached to the reading and to the object-book, over the time. So, using excerpts of interviews and images of the action on reader and reading books, the work highlights the movements of interaction and affection that surround the reader and a reading material used in their schooling. Moreover, the theoretical base was Chartier's (1994, 1996, 1999) studies among other authors that show the book materiality as a trigger to reading actions.

KEYWORDS: book; reader; reading experiences.

¹ O artigo resulta da pesquisa de Mestrado em Educação, realizada na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, vinculada ao grupo de pesquisa ALLE – Alfabetização, Leitura e Escrita –, intitulada: *O livro: objeto de estudo e de memória de leitura*, financiada pela CAPES, em sua fase final.

² Doutoranda em Educação, pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Mestre em Educação pela FE/UNICAMP (2009), integrante do grupo de pesquisa ALLE – Alfabetização, Leitura e Escrita.

1. Introdução

A cada novo poema, lido ou ouvido no passado, e onde o meu olho batia agora, voltava todo o mundo, todo o espaço onde eu me movia naquela época. Mil Lugares. Mil cheiros. Mil sensações esquecidas de dezessete anos atrás voltaram pra mim naquela noite. E esse é ainda um outro aspecto maravilhoso do livro: ele guarda, ele segura o que a gente é quando transa com ele; e então, passados os anos, a gente pode revisitar, reavaliar, reviver a vida da gente, voltando aos livros com os quais a gente teve um caso de amor.
(BOJUNGA, 2004, p.49)

O presente artigo desenvolve-se movido pela necessidade de averiguar este *aspecto maravilhoso do livro*: de *guardar*, de *segurar* um momento específico de leitura, tendo como objetivo a pretensão de compreender o vínculo que se estabelece entre o leitor e a leitura por intermédio do livro, como também, de apreender os sentidos que são atribuídos a esse material no decorrer do tempo.

Os estudos referentes à História da Leitura e à História do Livro marcam avanços significativos quanto aos aspectos destinados à produção do impresso, a sua circulação, a sua recepção, sua apropriação, seu suporte. Compreender esse universo da materialidade requer, não apenas, um estudo dos processos de produção do material, mas também uma aproximação do sujeito que interage com o impresso, pois, segundo Chartier (1999, p.18) “esta encadernação do texto numa materialidade específica carrega diferentes interpretações, compreensões e usos de seus diferentes públicos. Isto quer dizer que é preciso ligar, uns com os outros, as perspectivas ou processos tradicionalmente separados”.

Se considerarmos o livro apenas em seu aspecto físico e material, sem a acepção do leitor, teremos apenas um aglomerado de símbolos gráficos impressos em páginas sobrepostas, encadernados e envoltos por uma capa. Um objeto repleto de palavras que nada pode falar, como nos descreve Borges (1985, p.11): “Que são as palavras impressas em um livro? Que significam estes símbolos mortos? Nada, absolutamente. Que é um livro se não o abrimos? É, simplesmente, um cubo de papel e couro, com folhas. Mas, se o lemos, acontece uma coisa rara: creio que ele muda a cada instante”.

No entanto, se considerarmos esse objeto possuído por um sujeito-leitor concreto, real, alguém que o toca, e ao tocá-lo e lê-lo o faz sentir, imaginar, refletir; que o possibilita vivenciar situações diversas de leitura, ou reconstruir lembranças de outro momento de leitura, promove-se aí um encontro tanto físico quanto afetivo entre o leitor e o livro.

E a cada contato com este material acontecerá um novo encontro, como nos declara Chartier (1994) a leitura não será a mesma, os leitores não serão os mesmos, os livros mudam porque os leitores mudam.

Se para Chartier (1999, p.19) “cada leitor, cada espectador produz uma apropriação inventiva da obra ou do texto que recebe”, podemos ressaltar que a

apropriação é uma produção de sentidos própria de cada leitor, assim percorreremos os terrenos da singularidade que cercam o sujeito, tomando os cuidados para não ficarmos reféns dessa restrição dos aspectos particulares, esquecendo da dimensão ampla e humana de uma cultura escrita, na qual estamos inseridos.

A leitura, conforme Certeau (1994), não se deixa fixar e nem possui reservas, ela escapa a todo instante. Diferentemente, o livro como objeto real e concreto se tornará, então, aquilo que se pode guardar numa estante, numa mesa e na memória. Não (apenas) pelo seu conteúdo, pela história que ensina, pelo estilo do autor, mas porque naquela edição, com aquela capa, com aquela cor, com aquele tipo de papel e letra, o livro poderá oferecer, ou mesmo, restituir imagens, fatos, sensações, sentimentos, e até pessoas significativas, que estão ligadas a um momento da vida, gerador de uma experiência e de uma memória de leitura.

Se essa leitura descrita por Certeau (1994) não resiste ao esquecimento oferecido pela ação do tempo, e se o leitor não pode garantir uma estabilidade dos sentidos produzidos por aquilo que leu, ou a integralidade da compreensão atribuída ao texto num determinado momento, o livro, ao contrário está ali, como objeto sempre acessível, possível de ser visto, tocado, manuseado, sentido e lido novamente.

O livro, como objeto físico e substancial, contribui para se firmar e se produzir diversos sentidos pelo leitor, um movimento dinâmico que varia tanto de indivíduo para indivíduo como para o mesmo leitor. Um único livro poderá suscitar significados distintos para os leitores em determinados tempos e lugares.

É neste processo de interação leitor-livro, nesta relação entre um sujeito real, historicamente datado e situado, e um material concreto de leitura, que se torna possível a construção de sentidos. Numa relação física, que se efetua pela postura do corpo – sentado, deitado, em pé – impondo maneiras distintas de se ler³, pelas práticas de leitura escolares e não escolares, como também numa relação afetiva, mediante as experiências de leitura, que constituem desta forma, atitudes do leitor sobre e com este material, possibilitando agregar-lhe um valor.

Ao constatarmos que uma senhora, Efigênia Maria Pereira, conservava consigo durante décadas um material de leitura utilizado em sua escolarização, deparamo-nos com uma situação bastante instigante para o desenvolver de um trabalho investigativo: o que levaria um sujeito a conservar um material de leitura durante tanto tempo? Que sentidos, valores e sentimentos estariam adicionados a esse material de leitura?

Na busca de respostas a tais inquietações, este texto traz como objetivo central olhar para as experiências de leitura intermediadas pelo livro, destacando a materialidade do impresso como desencadeadora de ações e compreender qual função esse objeto-livro ocupa na relação entre o leitor e a leitura.

³ GOULEMOT, J. M. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, R. (org.) **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação da Liberdade, 1996.

Para tanto, este artigo apresentará um estudo de caso, assumindo como objeto de análise o relato das memórias de leitura de uma senhora guardadora de seus livros, na tentativa de se analisar a relação construída entre o leitor e a leitura mediada pelo livroobjeto. Assim, utilizando excertos da entrevista e imagens da ação leitora sobre e com os livros de leitura, o trabalho procurará descrever e analisar os movimentos de interação e afetividade que circundam o leitor e um material de leitura usado em sua escolarização.

2. Efigênia e a série *Meninice*, de Luís Gonzaga Fleury

A Sra. Efigênia Maria Pereira, de 77 anos, é natural de Pouso Alegre (MG). Nasceu aos 12 de fevereiro de 1932 e viveu toda sua infância num bairro da zona rural, *Pantaninho*. Casada há 58 anos é mãe de onze filhos e dona de casa. Apesar de ter apenas um ano de escolarização, demonstra um intenso amor pelos livros e pelo estudo. Guarda a *Série Meninice*⁴, de Luís Gonzaga Fleury há sessenta e um anos.

Quando criança seus pais, com interesse de que os filhos aprendessem a ler e a escrever, contrataram um professor da cidade de Pouso Alegre, que ficaria na fazenda durante a semana e ali ministraria suas aulas. A ausência de transporte, entre outras dificuldades, para conduzir as crianças até uma instituição escolar, fez com que se aproveitasse a presença do professor na fazenda e reunisse também crianças das residências mais próximas, adjacentes aos irmãos família Pereira, para formarem o corpo discente da almejada escola rural.

Divididas em dois períodos, as aulas aconteciam, pela manhã, às 8 horas e se encerravam no horário do almoço. O outro ocorria no final da tarde, por volta das 4 horas, depois que se terminavam os afazeres domésticos ou trabalhos da fazenda. As aulas ministradas, em ambos os períodos, oscilavam entre três a quatro horas de duração. A improvisada sala de aula constituía-se de uma mesa grande, bancos compridos de madeira e uma lousa. No início não haviam cadernos; escreviam em lousas de pedra.

Efigênia não esconde as dificuldades que enfrentaram para estudar, o cansaço que os acompanhavam. Mesmo as aulas ocorrendo na fazenda, dividiam o tempo de estudo com o trabalho de ajuda aos pais. Ela também não oculta a satisfação que foi aprender a ler e realizar outras atividades como: escrever, fazer contas, fazer cópias de textos no caderno, apresentar pequenas peças teatrais, cantar, conviver com outras crianças.

O que mais a senhora gostava de fazer?

E. – Ah eu gostava muito era de estudar, fazer conta, como eu gostava de matemática! Adorava! Gostava de matemática e desse negócio também de

⁴ Esta série foi publicada a partir de 1935, pela Editora Nacional, na cidade de São Paulo. Composta por cinco livros, de cunho didático, cada volume é destinado a uma série escolar, cuja denominação utilizada é *Grau*. Segundo Pfromm Netto *et al* (1974) a circulação desta série no Brasil é estipulada entre 1930 a 1950 aproximadamente.

teatro, nossa! Esse também era tão gostoso, eu adorava, mais é... Nós não dávamos trabalho... Quando a gente quer alguma coisa não precisa ninguém estar empurrando, não precisa estar falando, chamando a atenção, não era se obrigava, nossa, era uma beleza! É que muitos pais estavam ali junto, se alguém fizesse alguma confusão eles chamavam atenção, né, então a gente não pensava nisso, a gente saía assim e já voltava depressa. Depois a hora que terminava a aula assim, a gente volta e meia estava lá olhando o livro e o quê que tinha lido, lia de novo, a gente esquecia, para no outro dia a gente estar preparado, sem ele mandar a gente lia, e a vontade, não é como agora que a criança estuda meio contrariado, nós não, nós gostávamos de estudar.

Um aprender que vem acompanhado de outras aprendizagens características de uma determinada época: canto do *Hino Nacional*, ligado ao civismo⁵, ou mesmo, com encenações e a socialização.

Durante a conversa com a Sra. Efigênia, pudemos notar o carinho que ela demonstrava por seus livros. Ela guardou, não só todo o material de leitura usado no período em que estudou, como também, os cadernos. O ato de guardar aparece revestido de cuidados e de valores que ela mantinha com os livros, mesmo no decorrer do tempo:

Como a senhora os guardava?

E. – Ah, sabe o que eu fazia, eu punha dentro dos saquinhos, amarrava bem amarradinho, assim, e punha dentro das gavetas, dentro do guarda-roupa e ali ficava, às vezes ia procurar uma roupa, eu via ali, dava uma olhadinha, arrumava, guardava outra vez, passava mais um tempo grande às vezes, mas aí eu esquecia: “*De certo o que, o que será que aconteceu com os meus livrinhos?*” Ia lá e estava tudo do mesmo jeito na gaveta. Aí depois passado já o casamento dos filhos, o quanto tempo passou, aí a gente naquele correcorre, aquela confusão e aí parece que eu fui esquecendo mais deles, até passei a guardar naquele depósito que você viu, e entrou um rato, deixaram a porta aberta, e ele entrou e foi direto nos livros, pra fazer ninho, estragou um, mais... Está bom, não estragou todos.

Um material que desencadeia ações, modos de uso e de conservação, que se realizavam acompanhados de certos procedimentos ritualísticos. O ato de guardar aparece rodeado de atos cuidadosos, os livros deveriam ser embalados em material resistente, ser colocados em local seguro, e deixa-los reservados da luz e calor, mas não tão distante para que não se pudesse esquecê-los. O depoimento provoca a impressão de que os livros eram esquecidos para serem depois lembrados. Embora se passasse tempos, em todos os

⁵ Cf. MACIEL, F. I. P. & FRADE, I. C. A. S. Cartilhas de Alfabetização e Nacionalismo. In: TAMBARA, Elomar. *Livros Escolares e Ensino da leitura e da Escrita no Brasil (século XIX e XX)*. Pelotas: Seiva, 2003.

momentos de sua vida (casamento, nascimento dos filhos, mudança de casa) os livros se fizeram presente.

Interessante que alguns autores manifestam os mesmos sentimentos pelo livro envolvidos ora pelo medo da perda, ora pela sua procura ansiosa para se desfrutar do encontro e da posse do livro, como na personagem de Lispector (1998, p.12): “horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer um pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes”.

Ou como nos escritos de Queirós (2012, p.40), ao escrever sobre sua própria experiência coma cartilha: “encapei meu livro com papel de seda branco e guardei na minha sacola de pano. Entre uma brincadeira e outra, eu corria até o quarto para certificarme de que meu livro continuava lá”.

Ao ler cada livro, Efigênia deixava registros da sua ação leitora nas páginas iniciais ou finais dos impressos como marcas de uma escrita ora espontânea, ora orientada pelo professor, evidenciando uma relação concreta com o material de leitura.



Ilustração 1 - Fleury, Luís Gonzaga. **Meninice**. 63ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1949. Primeiro Grau.

Na página de rosto do primeiro livro nota-se a escrita do nome, como a primeira forma de demarcação de uma posse, como uma primeira informação a quem se prontifica a ler. O registro, aqui deixado, foi o nome de solteira: *Efigênia Izabel de Oliveira*, escrito à lápis, o que dificulta uma melhor nitidez e visibilidade. Vemos também em destaque a data: “*25 de abril de 1949*”, escrita por extenso. Os escritos foram registrados com letra manuscrita, delineada, traçada com precisão e capricho, própria e característica de um tempo, um traçado saliente, no qual se observa uma escrita tracejada pela força das mãos que pode ser sentida pelo toque.

Outro registro deixado pela leitora foi a escrita do nome do professor: “*Augusto Godoy*”. Durante a entrevista, Efigênia mencionava o professor destacando suas qualidades, a dedicação em sua profissão, o gosto pelas atividades que ele proporcionava às crianças. O convívio diário com este educador gerou um vínculo especial, criou-se um carinho pela figura do professor:

O Professor era de Pouso Alegre?

Efigênia – Era, mas ele não perdia não, ele ia embora sábado, quando era segunda-feira, ele ia chegando, na hora certa de dar aula, saía de madrugada, e vinha a pé pra dá aula, oh, a distância que era? E aqui ele passava a semana, na nossa casa, ele comia e tudo aqui.

O que a senhora mais gostava de fazer com o livrinho?

Efigênia – Quando ele marcava para mim, para escrever, dava tarefa para passar no caderno, nossa senhora, eu ficava feliz da vida, quando eu pegava a caneta para copiar nos caderno, ah, mais como eu ficava contente, com tudo, nossa senhora, sempre, e também, desse negócio de saí assim, ele ensinava a gente a cantar, é tão bonito, nossa, nós saía pra canta pra aqui pra li, a gente saía sem viola sem nada, só nós, assim cantando, nós cantava aquelas cantigas bonitas que ele ensinava pra gente, aqueles hinos, aquelas coisas, mais tudo passa, nossa, vou falar a verdade, que eu tenho saudade, eu tenho até hoje!

Um indício de interação realizada com o livro pode-se perceber a partir das anotações do início e do término da atividade de leitura. Uma marca que a leitora quis registrar em seu livro-objeto. No primeiro livro, por exemplo, ela escreve: *“Começou a leitura deste livro a 25 de Abril e terminou em 27 de maio.”*

Outro detalhe que aparece na folha de rosto deste exemplar – e dos outros três livros – são as marcas de um carimbo do estabelecimento comercial, provavelmente onde foi adquirido. O selo apresentava a forma de um livro, com o nome, o endereço e os produtos oferecidos: *“Livraria e papelaria Rezende. Praça Senador José Bento, 125. Caixa Postal 21. Pouso Alegre. Est. De Minas Gerais. Livros didáticos. Literatura. Científicos e técnicos. Artigos escolares, religiosos e musicais.”*

O segundo livro é o único que conserva uma capa de papel de seda, com uma estampa florida, na qual foi envolvido em 1949 e mesmo tendo rasgado parte do papel, Efigênia destaca que não quis tirá-la.

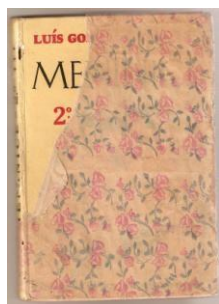


Ilustração 2 - Fleury, Luís Gonzaga. **Meninice**. 92ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948. Segundo Grau.

Nele não há registro de escrita do nome, nem da data. Há no fim do livro, verso da quarta capa, apenas uma anotação: “no dia 25 de abril eu estava com 17 (uma rasura) anos e 2 meis e 18 dia. Foi no dia 30 de maio de 1949.”



Ilustração 3 - Fleury, Luís Gonzaga. **Meninice**. 92ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948. Segundo Grau.

No terceiro livro nota-se um registro, à caneta, do primeiro nome com uma frase indicativa de posse: “Este livro pertence a Luna Efigênia.” Uma escrita com uma caligrafia menor, mais delineada e sem pressão sobre o papel. A escrita aparece registrada com o uso de linhas, numa busca de uma uniformidade e organização da letra.

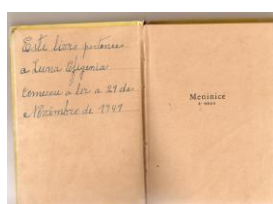


Ilustração 4 - Fleury, L. G. **Meninice**. 86ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948. Terceiro Grau.



Ilustração 5 - Fleury, L. G. **Meninice**. 86ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948. Terceiro Grau.

Os registros do início e do término da leitura foram demarcados em diferentes lugares no livro. A data inicial da leitura é registrada no verso da primeira página do impresso, enquanto, a data do encerramento está anotada na última página. Junto a estes escritos, encontra-se também o seu nome completo, acompanhado das iniciais maiúsculas.

No quarto livro, aparece novamente a anotação da frase indicativa de posse: “*Este livro pertence à Efigênia*” Nota-se uma letra muito bonita, cheia de contornos, já com domínio e presteza de um calígrafo. Traz apenas a data de início da leitura, não registra encontra-se o registro do término: “*2 de Fevereiro de 1950*”. Outra marca tratase do uso do artigo e o substantivo para designar o nome do professor: “*O professor Augusto Godoy*”.

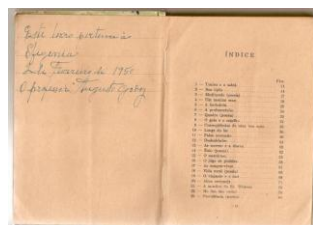


Ilustração 6 - Fleury, Luís Gonzaga. **Meninice**. 34ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948. Quarto Grau.

Efigênia leu os quatro livros num prazo de um ano, o que corresponderia às quatro primeiras séries do Ensino Fundamental. Contudo, mencionou que para a sua alfabetização utilizou-se outro material, a cartilha: *ABC*, baseada no método da soletração, a qual também conserva durante estes anos. Contou-nos, com lamentação, que este livro fora danificado por um rato:

Como foi, Dona Efigênia, quando a senhora viu o primeiro livrinho da senhora?

Efigênia – Ah, quando chegou eu fiquei... Todos ficaram alegres, felizes. Nossa, eu falei: “*Mas não é possível meu Deus!*” Mas, primeiro ele exigiu o *ABC* tudo, nós aprendemos as letras todas, e começamos a soletrar, ele ensinou nós soletrado, agora não é assim e esse tempo era soletrado. Ele nos ensinou a soletrar e já foi indo pra frente, até nós achávamos engraçado, fora o jeito, sabe, começávamos a dar risada, às vezes, mas atravessamos tudo, até o fim do livro *ABC* [falando da cartilha que estudou], depois que nós passamos pro *Meninice*. Não, mais antes teve o *ABC* no meio, nós passamos a cartilha, eu esqueço o nome dela, depois que foi o *Meninice*, ah, mais quando nós encontramos assim, no *Meninice*, ah, foi uma maravilha!

Ao relatar-nos sobre o período em que estudou, a Sra. Efigênia descreve o estudo como um ato de realização pessoal de alegria e prazer: por oportunizar o domínio de uma habilidade que até então era bastante restrita, por possibilitar a convivência com outras crianças e por permitir a realização de atividades lúdicas, prazerosas, diferentes de uma rotina cansativa de trabalho da fazenda:

O que a senhora guardou da época em que a senhora estudou?

Efigênia – Ah, eu guardei muito foi meus objetos e a saudade, até hoje... até hoje sempre eu lembro, assim: “Ai meu Deus, quando eu estudei, que bom! Que bom se eu tivesse casado e tivesse voltado pra escola mais um pouco”. Que quanto seria bom pra mim, né, mas se era difícil naquele tempo e mais com tudo isso no fundo, nossa, tenho saudade, e tudo mais, e depois passado já bastante tempo, já tinha os onze filhos, já tinha neto, resolvi voltar a estudar, mais um pouco, mais o que eu tenho saudade, do tempo que estudei em criança... A gente tinha bastante de colega, aquela amizade gostosa, e a gente saia pra... Estudava em casa e depois saia pra apresentar o... Aquele... Teatro e... a... Bandeira Nacional nós aprendemos primeiro e aonde nós íamos apresentar o teatro, nós cantávamos a bandeira... Hino Nacional, para depois começar. E de tudo, eu gostava, pra nós era um prazer, uma alegria que nós tínhamos...

Ir à escola ou pagar um professor para ensinar era oneroso, um privilégio de poucos. Vê-se permeada por sentimentos antagônicos: a tristeza por ter um estudo interrompido pelas condições financeiras e a alegria por saber ler e escrever, por poder dominar essas habilidades que, em sua opinião, possibilitaria conhecer o mundo e dele fazer parte, usufruir de uma maior autonomia.

O que mais marcou a senhora nesse momento todo da escola?

Efigênia – Da escola, ah... eu... sabe que quando terminou a escola, nossa, eu senti, assim, aquela tristeza, muita mágoa de ter esparramado todos os alunos, Senhor Augusto ir embora, uma tristeza, um aborrecimento, eu queria que continuasse mais tempo, mais não tinha como minha mãe, não tinha jeito de paga pra ele voltar para dar aula, aí parou, fiquei aborrecida. Mais com o tempo a gente volta a ficar alegre, porque pelo menos um pouco a gente aprendeu. E eu viajava para aqui, para ali e depois disso daqui, eu não estudei mais não, não estudei, li o quarto ano deste, mas depois eu não estudei. Com aquele estudo que eu tive aqui com Senhor Augusto, eu me virava. Graças a Deus, aí eu ainda pensava assim: “*gente se a minha mãe não tivesse arrumado aquele professor para nos ensinar que seria de nós?*” Não podia nem, né... E eu

vijava, ia para São Paulo, ia para aqui, para li, e tudo. Fiquei muito contente, muito feliz.

O estudo é visto por ela como algo de grande valor para sua vida e isto se deve às aulas na fazenda e o livro tornou possível a aprendizagem da leitura e da escrita. Este momento foi tão importante em sua vida que ela guardou todos os materiais de leitura, sob um enorme zelo e cuidado durante sessenta e um anos, e voltou a eles várias vezes. Um livro que lhe permitiu o conhecimento, um livro que lhe *abriu os caminhos* para o saber:

O que significa, hoje, pra senhora este livro?

Efigênia – Até, nem sei como agradecer a Deus, eu fico muito contente de eu estar vendo o que abriu o meu caminho, o livro é que abriu meu caminho, porque eu não tinha... não conhecia nem o A, nós não sabíamos, agora já estudei mais depois disto, um pouquinho, mas eu tenho esses que foram os que me ensinaram no começo, eu fico muito contente e feliz de ainda ter esses pra mim.

O livro representava a ação de estudar, considerado um material de leitura que *abre o caminho* para o saber, ou melhor, o livro era um objeto que possibilitava o conhecimento. Por representar o domínio das habilidades de leitura e escrita, por revelar o quanto o ato de apreender pode ser significativo na vida de uma pessoa, o livro foi guardado e venerado.

O livro de leitura representava, ainda, a imagem daquele que tornou possível a aquisição do conhecimento, propiciado pela aprendizagem escolar e concretizado pela ação do professor, através de práticas pedagógicas.

Uma declaração semelhante, também fora feita por Queirós (2012, p.37) ao escrever sobre sua relação com a leitura realizada pela professora, descreve que este momento que lhe proporcionava sentimentos de admiração e curiosidade, visto que: “ficava intrigado como num livro tão pequeno cabia tanta história, tanta viagem, tanto encanto. O mundo ficava maior e minha vontade era não morrer nunca para conhecer o mundo inteiro e saber muito, como a professora sabia. O livro abria caminhos, me ensinava a escolher o destino”.

Assim como nos escritos de Queirós (2012), o depoimento de Efigênia demonstrava um encantamento pela figura docente e pelas atividades que eram por ele ministradas. Revelava um gosto e identificação com as diferentes disciplinas, como por exemplo, de matemática, de fazer contas, de encenar, de copiar as histórias no caderno, de ler, enfim,

de todas as atividades que envolviam o ato de estudar, independente do que seria realizado, o estudo proporciona-lhe prazer.

A imagem do professor se mostra de forma distinta, no caso, pelo professor residir no ambiente de trabalho e estabelecer uma convivência integral com os alunos. Parece que o compartilhar de um tempo não só de estudo, mas de vida, suscita na depoente uma relação de proximidade com o professor, cultivando sentimentos de afinidade, respeito e admiração a ponto de causar-lhe angústia quando as aulas encerraram.

A concretização dessa relação se dava quando o material de leitura aparecia repleto de ações leitoras por meio de registros escritos em várias páginas dos livros. Tais registros indicavam uma necessidade de destacar a quem o livro pertencia, quem era o professor e o tempo de realização da leitura. Evidencia-se uma aprendizagem decorrente de um tempo em que ter estudo, dominar as práticas de leitura e escrita representavam a possibilidade de inserção numa sociedade letrada, numa cultura escrita.

Os livros passavam a representar todo o valor agregado ao estudo e à satisfação de realizar a ação de estudar, de aprender. Através do relato foi possível identificar o significado do domínio dessa prática para a vida da depoente e as relações humanas que a envolviam. Foram objetos que incitavam ações, como o guardar, o cuidar e o (re)lembrar.

3. Do objeto-livro às experiências de leitura: uma construção de sentidos

Por meio do depoimento e da análise do material selecionado durante a pesquisa, percebemos que o livro, enquanto objeto físico, possui algo mais do que lhe aparenta, que vai além de seu conteúdo, de suas histórias, de seus escritos, algo além de sua materialidade.

Com este trabalho, ao assumir como objeto de investigação um estudo de caso, procurando compreender porque o ato de guardar um material de leitura torna-se uma atitude significativa para uma pessoa, foi possível perceber que o objeto-livro apresentase carregado de passado, de afetividade e se mostram reveladores tanto de experiências de leitura, quanto de experiências de vida, de relações humanas, de um tempo, de um lugar, marcadas pela busca da aprendizagem e do domínio de uma prática social e cultural.

O livro-objeto pode assumir um papel importante na reconstituição de cenas e momentos, pode tornar-se um amuleto de memória, um elo entre o indivíduo e seu passado. Olhar para este material é buscar reminiscências de situações vividas, de pessoas que foram significativas e de uma fase da vida que não se pode cair no esquecimento, ele torna-se “uma extensão da memória e da imaginação” Borges (1985, p.5).

O material de leitura aparece como um mundo a ser (re) descoberto, (re) sentido quer pelo valor de seu texto, pela força que esta história tem sobre o leitor, quer pelas

lembranças das experiências de leitura nele impregnados, quer por tudo que significou em um determinado tempo.

Benjamin (1978)⁶, citado por Manguel (1997), ao relatar sua experiência de leitura quando criança, fala sobre esta força da história:

O mundo que se revela no livro e o próprio livro jamais poderiam ser, de forma alguma separados. Assim, junto com cada livro, também seu conteúdo, seu mundo, estava ali, à mão, palpável. Queimavam dentro dele, lançavam chamas a partir dele; localizados não somente em sua encadernação ou em suas figuras, estavam entesouradas em títulos de capítulos e capitulares, em parágrafos e colunas. Você não lia livros; habitava neles, morava entre suas linhas e, reabrindo-os depois de um intervalo, surpreendia-se no ponto onde havia parado. (BENJAMIN, 1978 *apud* MANGUEL, 1997, p.25)

As experiências de leitura, vivenciadas pela entrevistada, são este “mundo que se revela no livro”. Através do objeto-livro, conservado por décadas, podemos constatar que “junto com cada livro, também seu conteúdo, seu mundo, estava ali, à mão, palpável.” As histórias, a materialidade do livro, os valores dados ao ato de ler ou ao conteúdo, ou ainda ao objeto, (con) formam o leitor, passam a fazer parte dele.

Manguel (1997, p.25), ao descrever sua experiência com a leitura na infância, revela sua intimidade com o livro ao dizer que: “Cada livro era um mundo em si mesmo e nele eu me refugiava.” Da mesma forma, pode-se dizer que os relatos de experiências com o primeiro livro de leitura, como no caso aqui apresentado e analisado, retratavam não apenas um envolvimento com as histórias nele contidas, mas apareciam envoltos de relações interpessoais significativas e de vivências reais de um determinado momento da vida, experiências que queimavam dentro da senhora Efigênia, que ardiam por se revelar.

4. Considerações finais

A partir das análises desenvolvidas com o estudo de caso, pode-se considerar que os livros trazem marcas de atos concretos de leitura. Ao depararmos com os vestígios presentes nas páginas do material de leitura selecionado, deparamos com a história de uma relação do leitor com este material, o que possibilitou-nos a considerar que: “Um livro traz sua própria história ao leitor.” (MANGUEL, 1997, p.30).

⁶ Cf. BENJAMIN, W. **Reflections**. Nova York: Peter Demetz, 1978 *apud* MANGUEL, A. **Uma História da Leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 25.

O contato entre o leitor e o impresso acontece na exterioridade, se efetua através da materialidade do livro, deixando sobre ele as suas marcas da ação leitora, de seu manuseio e do que o leitor quis que se fizesse sinal de leitura.

Algumas marcas são reveladoras da posse do livro-objeto, consideradas, nesta pesquisa, os sinais deixados pelo leitor demarcando a sua ação sobre o próprio objeto, que aparecem por meio da escrita do nome completo, como registro de pertencimento àquele objeto, ou a escrita do nome completo do professor, ou ainda, um registro de quando iniciou e encerrou a leitura do livro, uma espécie de controle do tempo que se levou para realizar a atividade leitora.

Outras mostram os sinais de selo, de apressado, um vestígio deixado pelo leitor demonstrando, assim, um gesto de carinho com o material. Quando o livro-objeto traz um revestimento de uma capa, com intuito de preservá-lo limpo, sem manchas, demonstra um desejo do leitor de conservar a materialidade do impresso por mais tempo.

Constatamos também, que os livros trazem marcas não visíveis, marcas que descobrimos, apenas, quando o leitor relata suas memórias de experiências de leitura com o objeto-livro, e nelas percebemos os sinais de afetividade.

A leitura não se mostrou um ato isolado, mas uma atividade repleta de práticas que acompanham o leitor. Ao buscarmos um livro encontramos, também, modos de ler, modos de conservação, um tempo de vida e de escolarização. Modos de ler que aconteciam em cumplicidade, lia-se com o outro e para o outro.

Estas práticas de leitura mostram o ato de ler como uma atividade desejosa pela criança. Há uma procura pela leitura/escrita, quer pelo incentivo de uma autoridade: o professor, o pai, a mãe, quer pela própria necessidade do domínio desta habilidade, segundo Chartier (1999, p.19) “há esta multiplicidade de modelos, de práticas, de competências, portanto há uma tensão. Mas ela não cria dispersão ao infinito, na medida em que as experiências individuais são sempre inscritas no interior de modelos e de normas compartilhadas”.

A relação entre o leitor e a leitura aparece abalizada por um envolvimento a partir de atitudes concretas, como o ato de deixar marcas escritas no livro, de guardá-lo por décadas, e por sentimentos afetivos, em que o livro ganha um papel de agente condutor e propulsor de ações e de relações humanas: primeiro, quando se efetivaram as leituras, pois o ato de ler não acontecia de forma isolada, mas lia-se para ou com alguém, firmando-se outras ações desafiadoras com o decorar, o declamar um texto ou o ato de cantá-lo. Segundo, por ser o livro um agente reconstituidor de lembranças.

São todas estas diversas relações entre um leitor e seu objeto-livro que possibilitam a construção de um sentido, e isto só é possível por meio das atitudes do leitor, Goulemot (1996). Todas as experiências de leitura vivenciadas pelo sujeito que possibilitam ao objeto-livro assumir uma posição mais alargada que a de um suporte textual.

O livro passa a ser o *porto seguro* para se reconstruir as emoções e sentimentos próprios de um determinado momento da vida, pois “está tudo ali, retido, seguro, todas as

nossas sensações daquele tempo. E não importa que a gente diga, ué, como é que eu fui me apaixonar por ele? (o livro) puxa, se fosse hoje eu não me apaixonaria mais. Não importa. Ele continua a ser o depositário de toda aquela emoção do passado” (BOJUNGA, 2004, p.49).

5. Referências bibliográficas

BENJAMIM, W. **Magia e técnica**. Arte e política. Obras Escolhidas. 7ª ed. São Paulo, 1994.

BOJUNGA, L. **Livro – um encontro**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2004.

BORGES, J. L. **Cinco visões pessoais**. Trad. De Maria Rosinda da Silva. Brasília: Universidade de Brasília, 1985.

CAVALLO, Guglielmo & CHARTIER, Roger. (orgs.) **História da Leitura no Mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1998.

CERTEAU, M. **A invenção do Cotidiano**. Artes de fazer. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, R. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Trad. M. Del Priore. Brasília: Ed. UnB, 1994.

_____. **Práticas de Leitura**. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação da Liberdade, 1996.

_____. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: UNESP, 1999.

DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette**. Mídia, Cultura e Revolução. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FLEURY, Luís Gonzaga. **Meninice**. 63ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1949. Primeiro Grau.

_____. **Meninice**. 92ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948. Segundo Grau.

_____. **Meninice**. 86ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948. Terceiro Grau.

_____. **Meninice**. 34ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948. Quarto Grau.

GOULEMOT, J. M. Da leitura como produção de sentido. In: CHARTIER, R. **Práticas de Leitura**. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação da Liberdade, 1996.

LAROSSA, J. B. Notas sobre experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Campinas: n.º 19, 2002.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade clandestina**: contos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MACIEL, F. I. P. & FRADE, I. C. A. S. Cartilhas de Alfabetização e Nacionalismo. In: TAMBARA, Elomar. **Livros Escolares e Ensino da leitura e da Escrita no Brasil (século XIX e XX)**. Pelotas: Seiva, 2003.

MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PFROMM, NETTO; et. al. **O livro na educação**. Rio de Janeiro: Primor/INL, 1974.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de; ABREU, Júlio (Org.). **Sobre ler, escrever e outros diálogos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

QUINTANA, Mário. **Prosa e Verso**. 6ª ed. São Paulo: Globo, 1989.

_____. **Caderno H**. 2ª ed. São Paulo: Globo, 2006.